



MÁESTRO. —
CYRILLO DE CARDOZO

Tu vas partir sem talvez que o pranto
Te innunde as faces ao escutar meus ais
E dos AROLAS, de tu'alma o encanto.
Quem sabe, ingrato, se esquecer te vaes!

Cyriaco de Cardoso

(VARIACÕES EM LÁ MENOR.)

Em uma bella manhã de primavera — como diria o *minnesinger* Tinoco, em reptos de enthusiasmo diante da tragica eloquencia do « obituario » — chegou ás sonoras plagas da Carioca — esta peregrina amante do sol. — o insigne Cavaglieri Cyriaco de Cardoso.

Acompanhavam-o umas melodias frescas e suaves — brisas que sopram no bello paiz da Bohemia, — d'onde vinha o maestro, recommendado pela forte e saudavel alegria dos vinte annos, e os innocentes caprichos de sua iodesyncrasia de artista.

Vinha sorrindo, como os cherubins de Raphael; com um magico instrumento debaixo do braço: — o seu violino — especie de guitarrilha de D. Juan Tenorio, com que este feliz brincalhão havia de seduzir as Doñas Elviras da nossa Sevilha.

Os cerbéros do porto, se não estivessem endefluxados, quando chegou o maestro, de certo haviam de farejar a rica preza que lhes passava pelos olhos. Mas... coitados dos cerbéros! é sina delles, deixar escapar os mais perigosos contrabandistas: aquelles que viajam como Henrique Heine, levando no cofre forte d'alma todas as joias da poesia.

Imagine-se o nosso Cyriaco catraflado, justa e merecidamente prezo pela policia maritima, em vez desses innocentes importadores de notas do thesouro. Que scena! e que painel!

O Largo do Paço, theatro das maiores triologias eschylianas; palco dos Ricardos 3º do canivete, dos Orestes do cáes dos Mineiros e das Brynnias africanas, nunca ouviria mais sublimes tiradas, berros mais dramaticos, alegrias mais convulsas e descommunaes — alegrias de esbirro que ferrou um melro, cheio de dinheirame — do que na occasião em que fosse preso o Cyriaco

Estou vendo d'aqui a grande situação da comedia.

— Então, porque me prendem? diz o maestro procurando disfarçar uns ligeiros tremores que o assaltam, assobiando umas canções que elle ouviu na caverna de Ali-Babá.

— Olha o scelerado! exclama o guarda, impando de satisfação, como um Mirabeau de cemi-

terio ao desfeixar na cara do pobre morto as mais frias atrocidades do necrologio. Olha o miseravel! não lhe treme nem um unico musculo da cara. Que coração de pedra! que figados! e que entranhas! E' o mais descarado criminoso que tenho visto nesta minha vidinha, com estes oculos que tudo vêem.

— Mas senhor, replica o Cyriaco, deixe-me ir em paz. Esperam-me em casa, o almoço esfria e as rosas emmurhecem; estou me constipando..... atchim! Posso apanhar um pleuriz, uma encephalite, uma.... debilidade de estomago — (V. S. sabe as impertinencias desta viscera! conhece o despotismo deste Nero!) se continúo aqui exposto á intemperie do tempo e ás vicissitudes funambulescas do barometro, esta pratica que sobremodo me agradaria no *bello quentinho* com o Crespo, o Penha, o Dr. João das Regras, o Garrido, o mestre Affonso Domingues, o Henrique Chaves, o Condestabre Nun'Alvares Pereira, o Soromenha, o João de Barros, o Ramalho, o Bernardim Ribeiro, o D. Antonio de Mello, o duque de Cadaval, o Julio Cesar, o D. Fuas Roupinho, o Bulhão Pato, o Magriço, o Soropita, os doze de Inglaterra, a Tavola Redonda, a Academia Real das Sciencias em peso, todo o diccionario do Innocencio e as maviosas Camenas do Mondego, do Tejo, pessoas que VV. SS. conhecem tanto de nome, e tão profundamente as acata, que vão já abrir alas para eu passar como uma rainha decabida, por entre os respeitos da democracia triumphante.

— Fallou bem, sim senhor, o nobre orador! Mas vai direitinho já para o *bello quentinho* do xelindró.

— Que *criança!* dizem então os guardas, procurando nos bolsos do maestro os diamantes, as perolas, e os coraes que elle espalhou ás mãos cheias no rythmo saudoso de suas inspirações melodicas, com mais prodigalidade do que um daquelles *talon rouge* da *Regencia*, quando malbaratavam no camarim das Camargo e das Sophia Arnould, o opulento patrimonio de seus solares principescos.

Acta est fabula!

E agora que nos deixa o illustre artista que esteve cinco annos no Brazil, honrando com o talento e o seu excellente e grande coração a arte e o nome portuguez, congregadas todas as

feras da terra e os monstros do mar; — os elfos que dançam á noite, nos vergedos, e as pallidas oceanides que entoam hymnos á *alma Venus* do universo; — os *Stromkarls* que disferem em harpas de prata, no cristal dos rios, melopéas tão doces que acordam os genios das montanhas, e os brucholacos que se estorcem na verde phosphorecencia das charneças, ouvindo as littanias de Satan; — todos os seres, enfim, que povoam a grande natureza, em estreitado amplexo, como amigos e admiradores do maestro pedem-me que o abraçe, transmittindo-lhe os seus adeoses.

Que ventos galernos o conduzam á grande capital do mundo, onde, em noites de recolhimento e de seismar, ha de contemplar com os olhos d'alma, as sombras esparsas das nossas palmeiras, nas gratas evocações de sua imaginação saudosa.

Essas visões do sentimento, não as apagam as fanfarras da vida á *grande orchestra*, nem as aclamações ruidosas do triumpho.

Então? — não se dá cousa igual: pois, não é, que eu ia a chorar?

Que flexas aceradas não me atiraria Cyriaco de Cardoso, ao tomar o batel das phantasias, em busca das luminosas paragens do bello-ideal, se me pilhasse em flagrante delicto de Niobe choraminga?

Não, mil vezes, não; não lhe dou esse gostinho perverso: — abraço-o e beijo-o como um pae nóbre no quinto acto de qualquer drama; — congratulando (isto agora é que não é de nenhuma peça) por ir embriagar-se ao sol do espirito da ambrosia dos deoses, a que nós os Spartanos desta remota Laconia chamamos—Pariz!

Jacques Triste.

Cartas do Barão XXX.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr.

V. Exc.^a interessa-me vivamente pelo caracter excentrico de sua individualidade.

Aprecio tudo quanto é pittoresco, tanto faz que seja uma paisagem alpina, como um parvo millionario e barão. A primeira é resultado das eternas harmonias da natureza; o segundo, de suas originalidades monstruosas, de que a fortuna se tornou cumplice, fornecendo-lhe a riqueza e o governo constitucional, agraciando-o com um titulo.

Quanto ao seo physico não póde ser mais interessante. V. Exc., sem o saber, resolve plenamente um dos grandes problemas da sciencia moderna; confirma a doutrina evolucionista dos naturalistas mais adiantados.

V. Exc. marca perfeitamente a transição entre o simio e o homem!

A fronte deprimida e a saliencia das arcadas superciliares dão-lhe um lugar notavel na descendencia dos primotas.

O angulo facial de V. Exc. guarda proporções geometricas entre as mais obscuras raças africanas e o *pongo* de Bottell, monstruoso macaco anthropomorfo, que existe nas margens do Rio Gabbon e cuja fealdade e bruteza surpreendem a todos os viajantes.

Tornar-se a evidencia de uma arrojada hypothese scientifica é de certo uma grande gloria para um personagem como V. Exc.!

Estou persuadido que se alguém estudar anatomicamente a V. Exc. não lhe encontra a *glandula pineal*. Não pense que é o nome de algum bicho feroz.

Na glandula pineal, segundo os carthesianos, reside a alma humana, e V. Exc. é demasiado economico para conservar um objecto de luxo, que lhe não presta utilidade alguma.

Na parte espirital V. Exc. soffre séria concurrencia não só entre os animaes da ordem dos ruminantes, como até nos da ordem dos roedores, porque se o camello representa a locomotiva do deserto e o castor a mais brilhante manifestação da iniciativa industrial, V. Exc., a respeito de commercio e de industria, ainda não passou das transacções rudimentares dos balcões de venda.

Para bem se conhecer um homem, é preciso estudal-o em seo berço. Os principes orientaes nascem no meio dos harens. A favorita do sultão deve ser, portanto, uma das mais formosas de suas odalisacs.

O Egypto, a Circassia, a Grecia, a Assyria, a Mosopotamia, o territorio de Tripoli, a Moldavia, a Albania, a Armenia, a Servia, a Arabia, a maior parte dos paizes, finalmente, que o sol primeiro bafeja quando se ergue entre nuvens de ouro nas orlas do horisonte, offercem o seo contingente de bellezas feminis á voracidade erotica do minotauro ottomano. Todas as seducções da formosura, todas as provocações dos desejos, todas as exigencias freneticas do amor sensual encontrão alli o seo holocausto perfumado, o seo perene altar de sacrificio, onde as victimas immoladas podião servir de modello ás supremas inspirações e ao ideal sublime do genio artistico!

Mas, em lugar disto, nascer no meio de equivocacões de Congo e de Guiné, ouvindo as monstruosas cantigas africanas e os instrumentos barbaros das bailladeiras das sensalas, deve confessar, Snr. Barão, que a distancia é grande!



CORRIDA DE TOUROS

DADA POR AMADORES DO CLUB
TAUROMACHICO
 OFFERECIDA A COMISSÃO DE SENHORAS
 PARA AS VICTIMAS DA SECCA NAS PROVINCIAS
 DO NORTE DO
IMPERIO

CAVALLEIRO LUZ BERQUO

CAVALLEIRO OSCAR KOPKE

JOSE KOPKE NETO

COPESIAS DO NETO

PARA A MAE DO POETA GONCALVES DIAS

FORÇADOS

CORREA

BANDARILHEIROS

MOUZA

GOMES

CRUZ PINHO

A. BASTOS

MACHADO

M. RIBEIRO

TARUJO

FRANCISCO BERRO

MACEZO

S. MIGUEL (ABRILHO)

MAIORAL

ABRAGA

ANDRILHO

BRANDON

MOÇOS DE CURRO

BOVALLOPOMEIRO

MAIS VALE TARDE QUE NUNCA.

Termino aqui hoje, Exc.^{mo} Snr., porque não quero privar-me do prazer de continuar a corresponder-me com V. Exc. e mesmo porque me falta ainda muita cousa a dizer-lhe.

Sou com toda a estima e consideração,

De V. Exc.^a

Creado Attencioso.

PSIT! JUNIOR.

A Cyriaco de Cardoso.

Partes! a vida e isto...
 O sonho, a febre, a lucta
 Intermina permuta
 Do certo e do imprevisito!
 Sol que apenas visto
 A treva, presto, enluta!
 Socrates e a cicuta!
 O Golgotha e o Christo!
 Deixas a sombra estavel!...
 —Queima-te oInsciavel?
 Devora-te a Paixão?
 Vai, cerebro possante!
 A arte é tua amante...
 —Fecunda adoração!

Tic.

Ao romper d'alva...

Maria, abre a janella... contemplemos
 O despontar da madrugada bella!
 Ouçamos o trinar dos passarinhos,
 Maria, abre a janella...
 Mais um beijo! é tão cedo... nem ainda
 O sol bebe os orvalhos do vargado;
 Reclinate em meu peito...estás tão pallida!...
 Mais um beijo! é tão cedo...
 Olha, bella innocente... o sol remonta
 O tôpo da montanha do oriente:
 Que alvinitentes nuvens! que harmonias!
 Olha, bella innocente...
 O' pallida creança dos meus sonhos!
 Teus sorrisos tressuam d'esperança...
 Peregrino ideal dos meus scismares,
 O' pallida creança!...
 Deita-te, dorme, ó bella, enquanto eu penso,
 No velho parapeito da janella...
 Sonha comigo—o trovador enfermo—
 Deita-te... dorme, ó bella!

Mucio T.

Durante o concerto.

LE DESERT, DE FELICIEN DAVID.

Sentia a pleno o Levante!
 Simouns, corceis, beduinos
 E os longos sonhos divinos
 Da miragem scintillante!
 Surgia a aurora radiante!
 Oboés, trompas, violinos,
 Loucos, febris, libertinos,
 Saudavam a velha amante!
 A ruido inesperado
 Despertou—tudo evolado!
 Perfumes, sonhos, mulheres!
 Eterna semsaboria!
 —O *frangipane* sahia,
 Sahia o *Sacco do alferes!*

Tic.

Cantiga de viola.

Morenas dos olhos negros
 —Como as noites no sertão—
 Borbuletas doudejantes,
 Lampyrios da solidão;
 Ouvi aos sons da viola
 Idyllios do coração!
 Ouvi meus ais doloridos
 Que perdem-se n'amplidão...
 Os meus suspiros sentidos
 Sombras de louca paixão...
 Ouvi-me juntar á viola
 Os ais do meu coração!...
 Lá nos céus corre uma estrella
 Ligeira como o tufão...
 Assim—depressa murcháram-me
 As rosas do coração...
 Choremos minha viola
 A quéda d'essa illusão!
 Ouvis?... lá canta na praia
 O pescadôr sua canção...
 Além... a rôla desmaia
 Do prazer na convulsão...
 Aqui... chora na viola
 O menestrel do sertão!...
 Morenas dos olhos negros
 —Como as noites no sertão—
 Borbuletas doudejantes,
 Lampyrios da solidão;
 Os sons da minha viola
 Vos fallam ao coração?...

Que noite!... dançai meninas
 Sapateai n'esse chão...
 Dançai, que a ultima estrella
 Já desmaiou n'amplidão...
 Descança minha viola...
 Não palpites, coração!...

Mucio T.

Correio dos Theatros.

Foi uma semana cheia de emoções agradáveis, para a litteratura nacional.

Duas peças novas!

O *marido da Doida*, de Carlos Ferreira e a *Moreninha*, do Snr. Dr. Macedo, do Instituto (Historico e não dos Surdos-mudos).

O *marido da Doida*, foi o Snr. Amoedo. A *Moreninha* foi a Snr.^a Lucinda.

O publico esperava que fosse o Snr. Galvão. Porque, é o que ainda ignoramos.

**

A primeira peça trata de uma doença de que padece a Snr.^a Maria Adelaide. (Na peça está entendido).

A segunda peça é constituída pelas travessuras da Snr.^a Lucinda, menina de 15 annos e nascida em Paquetá, á sombra de um coqueiro que está logo á entrada da barra da Ilha e mesmo em frente á ~~cara~~ da *Sociedade Recreio de S. Roque, o seu Cão e a sua Cabaça*, de que é presidente o severo subdelegado, rançoso inimigo dos francezes.

A filha da *Doida* é a Snr.^a Appolonia, e a mãe do marido da *Doida* é a mãe da Snr.^a Appolonia.

Ha, como se vê, uma complicação de parentesco, só explicavel pelo Agra.

**

O Snr. Medeiros é que é um verdadeiro tyranno.

Só lhe faltou o punhal do sicario e a gargalhada satanica dos finaes dos actos.

Quanto ao resto, sempre o mesmo elegante, movendo-se repentinamente, como se fôra puxado por cordeis subterraneos.

**

Os demais artistas, sempre os espe-

rançosos talentos da *Gazetilha do Jornal do Commercio.*

**

Mas o grande successo do dia, ou antes das noites de verão (kalendario Furtado Coelho), é a moreninha peça. A moreninha mulher é sempre successo, tanto de noite como de dia.

D'esta vez até os artistas cantam, *aos pianos!*

Foi-se a Snr.^a Vanda Miller e ficou a Snr.^a Lucinda.

Entre les deux mon cœur balance!

Foi-se o Bolis e ficou o Silva, aquelle que na Phenix dizia:

Tres contos é um dote perfeito...

Tanto *nan* tem o *Barnabé!*

Em logar do Castelmarty ficou o Areas.

Em logar da Signora Fricci ficou a Signora Balsemão!

Houve uma certa difficuldade em substituir o Bassi; mas a final conseguiram substituil-o, não por um maestro; mas por dois, Cavallier e Queiroz. Ainda assim não formam um maestro do pezo do Bassi. Talvez fosse bom juntar aos dois o maestro Cyriaque de Cardosini.

**

O que a *Moreninha* é, é uma peça muito moral.

O Snr. Bispo devia approval-a para uzo das escholae e o Snr. Abilio devia ir vê-la com os seus meninos. Em vez de passar-se em Paquetá, podia muito bem passar-se no Paraizo, antes da serpente, está bem de ver.

**

Em seguida á *Moreninha* é de esperar que o Snr. Dr. Macedo extraia um drama do *Simão de Nantua!*

**

NB. O *Correio* não vai assignado para guardar o incognito.

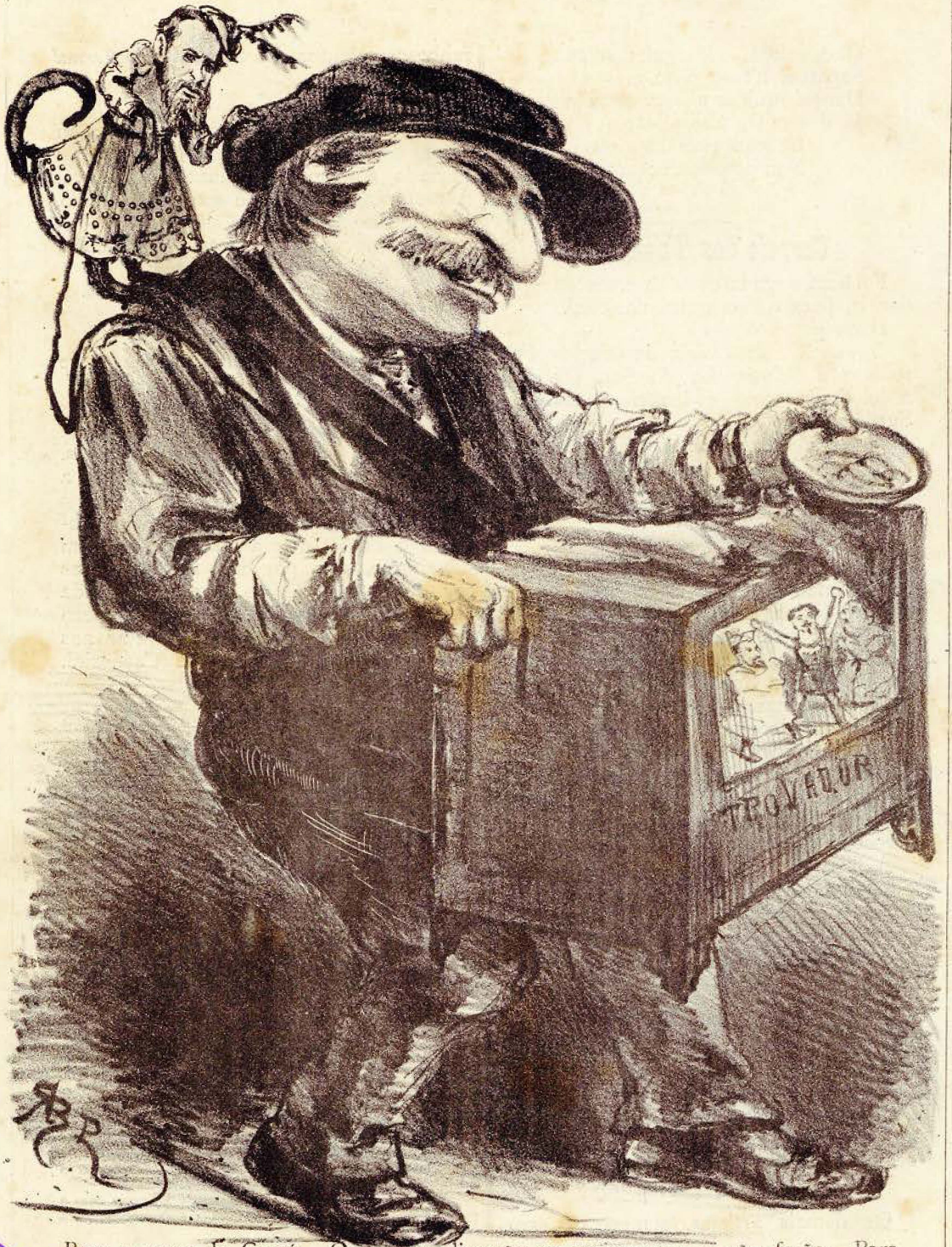
ZUT.

**

Ao MEQUETREFE — Dizem que Piron passando pela casa de Voltaire escreveu-lhe na porta: « *Canaille.* »

O livre pensador dirigiu-se ao rival e agradeceo o ter-lhe deixado o seu cartão de visita.

Conhece a anedocta? Pois applique-a ao nosso caso e ponha vidros brancos nos olhos, em vez de verdes, para melhor differençar as cousas.



Para a secca do Ceará. Que secca, disserão os assignantes, e não forão. Para
uma nova assignatura; vinte por ciento per me, e vão todos. Olha a serie B!!...

